

PAI-NOSSO
a oração do Abbá

Guillermo D. Micheletti

PAI-NOSSO
a oração do Abbã



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Micheletti, Guillermo D.
Pai-Nosso : a oração do Abbá / Guillermo D. Micheletti. - São Paulo : Paulinas, 2023.
248 p. (Coleção Ensina-nos a rezar)
ISBN 978-65-5808-225-5
1. Pai-Nosso 2. Oração - Cristianismo I. Título II. Série
23-2115 CDD-226.96

Índice para catálogo sistemático:

1. Oração - Pai-Nosso

1ª edição – 2023

Direção-geral: *Ágda França*
Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato e*
Antonio Francisco Lelo
Copidesque: *Ana Cecilia Mari*
Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*
Revisão: *Sandra Sinzato*
Gerente de produção: *Felício Calegaro Neto*
Capa e produção de arte: *Elaine Alves*
Imagem de capa: *Syda_Productions*
<https://br.depositphotos.com>

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.



Cadastre-se e receba nossas informações
www.paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

 (11) 2125-3500

 editora@paulinas.com.br

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2023

SUMÁRIO

SIGLAS	7
APRESENTAÇÃO	9
BREVE INTRODUÇÃO.....	13
I. COMO O PAI-NOSSO FOI...	19
Ensinado por Jesus	19
Apresentado nos Evangelhos segundo Lucas e Mateus ..	29
Acolhido e rezado na devoção do povo cristão	35
2. O ABBÁ/IMMÁ-AMOR NOSSO	47
3. SANTIFICADO SEJA POR NÓS O VOSSO NOME.....	79
Algo inquietante: o que seria ser santo hoje!.....	85
4. FAÇA-SE PRESENTE O VOSSO REINO.....	91
5. SEJA FEITA A VOSSA VONTADE	101
6. O PÃO NOSSO DE CADA DIA	109
7. PERDOAI-NOS AS NOSSAS OFENSAS/DÍVIDAS	121
8. E NÃO NOS PERMITAIS ENTRARMOS/ CAIRMOS EM PROVAÇÃO	133
9. LIVRAI-NOS DO MAL.....	141
10. PORQUE VOSSO É O REINO, O PODER E A GLÓRIA	153
II. O PAI-NOSSO NO CORAÇÃO DA VIDA	159
Oração para todos os dias... unidos de coração	160

I2. O PAI-NOSSO NA CATEQUESE E NA LITURGIA	165
O Pai-Nosso no itinerário da IVC, segundo o RICA.....	171
A importância do Pai-Nosso na celebração Eucarística	178
Simples fórmulas para introduzir o Pai-Nosso.....	189
Qual é a postura adequada para rezarmos o Pai-Nosso?.....	194
I3. PARA CONCLUIR: “PAPAI/MAMÃE NOSSO”	199
ANEXO 1	
Para pensarmos: o modo de ser de Deus não é “todo-poderoso”, senão “todo-amoroso”	201
ANEXO 2	
A fonte e a raiz de tudo: celebrar o nome YHWH	214
ANEXO 3	
Como abençoamos os alimentos da mesa? Como pedimos? ...	228
ANEXO 4	
Uma proposta de entrega da Oração do Senhor na IVC	233
ANEXO 5	
Senhor, ensina-nos a rezar. Pai nosso que estais nos céus... ..	237
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	241

SIGLAS

CDC	Código de Direito Canônico
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CVII	Concílio Vaticano II
DAP	Documento de Aparecida
DDv	<i>Desiderio Desideravi</i>
DNC	Diretório Nacional de Catequese
DpCat	Diretório para a Catequese
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
IGMR	Introdução Geral ao Missal Romano
IVC	Iniciação à Vida Cristã
RICA	Ritual de Iniciação Cristã de Adultos
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i>

APRESENTAÇÃO

Ao longo da história do Cristianismo, a oração do Pai-Nosso foi assimilada e estudada sob diversos enfoques. É necessário mergulhar nas tradições da antiguidade, principalmente naquelas que influenciaram o Judaísmo num mundo de diversas culturas, para captarmos o sentido profundo da Oração do Senhor.

Jesus Cristo, pela oração do Pai-Nosso, alimenta a missão. Revela a nós um pouco mais do abissal mistério de Deus, convidando-nos a um relacionamento livre e profundo com o Pai. Esse relacionamento ajuda-nos a compreender o ser humano como imagem de Deus, algo que é necessário ante o pessimismo antropológico dos nossos dias, mas destaca, sobretudo, a imagem do Deus Amor, que em Cristo nos dá vida nova.

Os Evangelhos salientam a importância da oração durante o ministério salvador de Jesus, que, a partir da observação e súplica dos discípulos, ensinou o Pai-Nosso. Essa perspectiva orante e missionária é assumida pela Igreja desde suas origens, revelando no Pai-Nosso sua identidade orante e missionária. No Pai-Nosso a Igreja aprende com simplicidade a confiar em Deus e deve ensinar as pessoas a fazerem o mesmo, para que a vida seja uma celebração de fé e amor.

A obra proposta, de autoria do querido irmão Pe. Guillermo Daniel Micheletti, esmerado promotor da catequese, nos ajuda a refletir a Oração do Senhor e suas consequências para quem a assume como projeto de vida cristã. Tem como fonte diversas obras da Teologia, principalmente da Teologia latino-americana, fruto

do processo de hermenêutica e recepção do Concílio Vaticano II. O Concílio, ao tratar o tema da Revelação Divina, auxilia-nos a compreender a face misericordiosa de Deus na história para a transformação da realidade em todos os aspectos. A Igreja, sacramento universal de salvação (cf. LG 1), é chamada a viver na oração do Pai-Nosso a sua missão, ensinando-nos que Deus é Amor.

A perspectiva do texto nos fala da necessidade de recuperar e aprofundar o sentido da oração do Pai-Nosso, numa perspectiva de diálogo e amadurecimento da fé. É importante, no hoje do nosso tempo, crescermos no diálogo não só com Deus, mas também entre nós. Pois somente assim é possível gerar compromisso autêntico com a vida. O Pai-Nosso nos ensina a dialogar e mostra que esse é o único caminho para que a humanidade alcance a paz e a justiça.

O cristão, chamado a viver a oração do Pai-Nosso, ao ler este livro, descobrirá que na escola de Jesus todos somos aprendizes. Somos nós agora chamados a meditar e assumir essa sublime oração numa perspectiva nova, para gerar o que o Papa Francisco chama de cultura do encontro, em que todos se descubram amados por Deus e chamados a construir pontes. Somos convidados a aprender com Jesus a chamar o Pai de *Abbá*, demonstrando afeto e compromisso com o Deus da Vida em abundância. Como é consolador pensar num caminho de vida cristã tendo como receita a oração de Jesus e nossa!

A Igreja vive com alegria o anúncio da beatificação do nosso querido Papa João Paulo I. Em trinta e três dias de pontificado, o Papa do sorriso encantou o mundo com sua assertividade e ternura. Refletia ele sobre uma Igreja samaritana, pobre, assim como Jesus. Ele nos ajudou a pensar que Deus é Pai e Mãe. O mundo inteiro se encantou com essa definição bíblica, teológica e magisterial do Papa Luciani.

PAI-NOSSO, A ORAÇÃO DO ABBÁ

Que esta leitura nos ajude a aprofundar o nosso sentido de fé e a alimentar a nossa esperança num mundo onde todos vivam como irmãos, filhos amados do Pai.

Pe. Felipe Cosme Damiano Sobrinho
Presbítero da Diocese de Santo André
Professor da Faculdade de Teologia da PUC-SP

BREVE INTRODUÇÃO

“Jesus, interpelado pelo pedido de seus discípulos,
ensina os seus a orar o Pai-Nosso.
Deparamo-nos, então, diante de uma joia
da espiritualidade judaico-cristã”
(*Jornal de Opinião* 946, 11).

“O Deus que se revela em Jesus *põe do avesso*
tudo o que o homem religioso espera de Deus
(Bonhoeffer, *Cartas desde la cárcel*).

Se, ao rezarmos o Pai-Nosso, fôssemos conscientes do que isso implica, o rezaríamos com maior nobreza de coração e não esbanjaríamos, às avessas, tagarelados “Pai-Nossos”. Evitaríamos, assim, tomar o Santo Nome de Deus em vão, isto é, superficialmente. Na verdade, o Pai-Nosso representa, em sua singeleza oracional, um audacioso e desafiador compromisso a ser assumido para toda a vida, com força persistente e construtiva.¹

De fato, o Pai-Nosso não é uma oração a ser rezada de modo “fast move”. Essa oração é a expressão cristã dos desejos que devem impregnar a vida daqueles que gostam de Jesus. É isso o que cada um exprime, quando a reza? O Pai *torce* para que não sejamos

¹ Cf. José I. González FAUS. *Outro mundo es posible*. Santander: Sal Terrae, 2010, nota 8. p. 353.

por demais “conversadores”; o que a ele importa são as convicções que determinam nossa conduta e organizam nossos hábitos de vida: isso é o que o Pai-Nosso expressa.²

Na prática cristã, o Pai-Nosso encerra, de modo inédito, a exigência de todo o Cristianismo. Ele ensina e insiste para que não nos iludamos pelos bens, que não nos defendamos do inimigo, que amemos os desconhecidos tanto quanto nossa família, que nos comportemos como se não houvesse o amanhã. Esses princípios não constituem, diríamos, um programa “sustentável”, “apetecível”, “atraente”, “marqueteiro”, para os homens e mulheres de hoje. Jesus nos convida a aventurar-nos a um “amor excessivo”, além, muito além dos nossos “apequenados projetos”. Esse amor é a vida mesma de Deus. Não podemos, certamente, amar desse modo com nossas próprias forças, não conseguimos; “criados para o amor de doação extrema”, não temos condições de fazê-lo por nós mesmos. Certamente, precisamos abandonar-nos completamente ao amor misericordioso e compassivo do Pai revelado em Jesus.³

O Pai-Nosso é a oração mais excelente dos cristãos. Com certeza, é a mais importante, tanto se a chamarmos “Oração *Abbá*” (os primeiros cristãos), ou “Pai-Nosso” (comunidades católicas), ou “Oração do Senhor” (tradição protestante). Sem dúvida, o Pai-Nosso é a principal oração de todo o Cristianismo; é uma oração ecumênica/universal: pois, recitando-a, os cristãos se sentem irmanados e, assim, as diferenças destoam, soam estranhas.⁴

² Cf. José María CASTILLO. *La religión de Jesús. Comentario al Evangelio diario/2021*. Bilbao: Desclée De Brouwer. p. 78.

³ Cf. Timothy RADCLIFFE. *El borde del misterio*. Bilbao: Mensajero, 2017. p. 51.

⁴ Cf. John D. CROSSAN. *Cuando oréis, decid: “Padre nuestro...”*. Santander: Sal Terrae, 2011. p. 19.

A oração cristã nos coloca em relação com o Deus de rosto profundamente bondoso e carinhoso, delicadamente maternal, que não deseja incutir medo algum. Os homens desde sempre estiveram habituados a aproximar-se de Deus com certo receio, apavorados diante desse “mistério fascinante e terrível” (OTTO), como se ele fosse um “Deus policial” ou um “Deus tapa-buraco” de problemas que nós mesmos não enfrentamos (TABORDA; KONINGS); habituados a adorá-lo em atitude servil, semelhante à de um servo que nem cogita desrespeitar o seu senhor. Mas, educados na oração do Pai-Nosso, os cristãos aprenderão, como Jesus, a dirigir-se a seu Pai ousando chamá-lo, também eles, confidentemente de “Papai” ou “Papaizinho amado”.

Deus é o amigo solidário, o aliado companheiro do caminho. No Pai-Nosso se estabelece com o Pai um relacionamento confidencial, a ponto de animar-nos – como Jesus nos ensinou – a fazer-lhe filialmente uma série de pedidos. Ao Pai podemos pedir tudo; explicar tudo, contar tudo. Não importa se diante dele nos sentimos em falta. Ele o sabe: não somos bons amigos nem filhos e filhas muito agradecidos. No entanto, continua a nos amar. É o que Jesus demonstra definitivamente na Última Ceia, quando diz: “meu sangue, que é (será) derramado por vós” (Lucas 22,20). Naquele gesto, ele antecipa no cenáculo o mistério da sua doação na cruz. Manifesta que seu Pai é um aliado fiel: até quando os homens deixam de amá-lo, ele os amará filialmente até o Calvário. O Pai de Jesus está sempre à porta do nosso coração e espera que a abramos. Ele bate, mas com discrição: sabe esperar. A paciência do Pai é a mesma que a de um pai que, ao mesmo tempo, oferece amor de mãe; espera com ternura e com acalentado amor.⁵

⁵ Cf. Papa FRANCISCO. Deus é como um pai ao qual se pode pedir tudo. *L'Osservatore Romano* 20, p. 3, 19 maio 2020.

Meditando os aprofundados ensinamentos que Jesus oferece no Pai-Nosso, penso que os homens e mulheres de hoje podem aprender a lutar contra suas próprias contradições: sempre à procura de segurança e sempre desamparados. Chamados à luz e cercados de incertezas, legalismos e rigorosidade religiosa. Nascidos para viver na liberdade e fadados à morte. Procurando remédio para tudo e incapazes de encontrar um remédio para si mesmos. Capazes das maiores grandezas e também das maiores misérias. Ansiando pela verdade e, constantemente, enganando a si mesmos. Buscando ardentemente a liberdade e com medo de aproveitá-la. Enfim, capazes de dominar o mundo, mas incapazes de ser donos de si próprios. O Pai-Nosso, enfim, nos ensina a criar relações humanas saudáveis, capacitando-nos para o entendimento e o perdão incondicional, convidando-nos a uma vida livre da escravidão do dinheiro e da obsessão pelos bens materiais, oferecendo perdão às pessoas afundadas no fracasso moral.⁶

Os que gostam de rezar o Pai-Nosso não pedem que Jesus venha e nem sequer a ressurreição dos mortos; só a chegada do Reino de Deus, entendido, à maneira de Jesus, como pão para os pobres, perdão para os cheios de dívidas, liberdade para os excluídos. A oração mais certa e profunda de Jesus não é uma meditação na intimidade – como ocorre na ioga – que nos afasta da história, senão aquela que está vinculada ao dom e à tarefa do pão e do perdão compartilhados, dentro da história. Enfim, a oração de Jesus é adequada para aqueles “que têm pouco pão” e que vivem sob a ameaça das “dívidas injustas” que lhes impõem

⁶ Cf. José Antonio PAGOLA. *Caminhos de evangelização*. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 17; id. *A renovação do Cristianismo* (Recuperar Jesus como Mestre interior). Petrópolis: Vozes, 2019. p. 83-84.

os novos poderosos; sempre uma oração de perdão criador, não de vingança.⁷

Enfim, há um bom tempo que pesquiso aprimorados estudos bíblico-catequéticos sobre a oração que o Senhor nos entregou, que é considerada o “resumo de todo o Evangelho”. Há tempos vibra em meu coração uma inquietude: quando rezamos o Pai-Nosso, quem é o Pai de Jesus, e que ele nos apresenta como nosso? Enfim, compartilhei o fruto desses estudos em homilias e conversas com catequistas. Agora, concretizado em livro, ofereço-o com carinho aos caros leitores amigos e amigas. Aspiro a que o Pai-Nosso seja efetivamente o pão nosso de cada dia, que alimente a esperança de construirmos uma humanidade melhor, para que, nutrindo os nossos corações, celebremos, unidos “num só corpo”, o pão da Palavra e da Eucaristia e que, ainda, aprendamos a viver com sobriedade compartilhada.

Se o bom Jesus me conceder sua graça, almejo de coração que este seja o melhor livro que até hoje escrevi.

Pe. Guillermo

⁷ Cf. Xavier Pikaza IBARRONDO. Enséñanos a orar. El Domingo del Padre Nuestro. *Religión Digital*, 23 jul. 2022.

I.

COMO O PAI-NOSSO FOI...

“O Pai-Nosso reflete claramente o pensamento de Jesus sobre a oração, embora seja impossível determinar hoje com precisão as palavras exatas que ele falou”
(Secundino Castro).

ENSINADO POR JESUS

Movido pela curiosidade, alguém pode perguntar-se: será que Jesus apenas ensinou a rezar o Pai-Nosso ou ele também o rezava? A opinião de biblistas é de que ele não o rezava. Com efeito, nos Evangelhos, Jesus nunca é visto rezando essa oração. Tinha seu jeito próprio de rezar: orava quase sempre sozinho, em montes ou lugares afastados. Sua oração era a de um homem mergulhado no estupor do divino. Em meio ao cansaço diário, ele reservava momentos propícios para se recolher em oração; criava as próprias orações, de acordo com as circunstâncias; sempre rezando ao delicado compasso do coração, penetrando na filial intimidade e na amorosa ternura de seu Papai (cf. Lucas 10,21; 22,42; 23,34.46; João 11,41-42; 17,1-2; Marcos 15,34...). E isso acontece ao longo

de toda a sua vida, seja em momentos de exultação e alegria, seja em situações decididamente dramáticas e sombrias.¹

Conservamos do Pai-Nosso duas versões: a de Lucas 11,2-4 e a de Mateus 6,9-13. A versão mateana recebeu certamente influência da liturgia sinagagal.² Isso contradiz certa tendência que sublinha a “radical originalidade dessa oração” brotada dos lábios de Jesus. Na verdade, Jesus, como todo bom judeu, organizou a estrutura do Pai-Nosso a partir das conhecidas formas de oração hebraica, as mesmas que encontramos nas orações bíblicas.

Jesus invocou o único Deus de seus irmãos judeus e se serviu das mesmas expressões. A originalidade do Pai-Nosso reside em haver realizado plenamente o que ele disse: “não penseis que vim revogar a Lei e os profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento” (Mateus 5,17). Assim sendo, pode-se afirmar que a oração que Jesus dirigia a seu Papai – e que agora também é nossa – não se opõe em nada à oração judaica: a realiza, cumprindo-a.³

Por isso, Mateus vai apresentar a oração do Pai-Nosso como um dos pilares da vivência do discípulo, juntamente com a esmola e o jejum.⁴ Na verdade – como já dissemos –, Jesus inspirou-se nas antiquíssimas tradições judaicas, que ele bem conhecia desde pequeno.

¹ Cf. Ariel Álvarez VALDÉS. *Que sabemos sobre a Bíblia?* Aparecida: Santuário, 2001. v. 6. p. 67-68. Bruno Maggioni sintetiza as formas de Jesus rezar: sua oração era filial, de petição, de bênçãos, oração da paixão e da cruz, oração de ressuscitado (cf. *El rostro nuevo de Dios. Dichos y gestos de Jesús*. Maliaño: Sal Terrae, 2014. p. 77-92).

² A liturgia bizantina ortodoxa e todas as liturgias cristãs do mundo optaram pela versão de Mateus 6,9-13, talvez porque seja a mais antiga e a mais completa.

³ Cf. SANTE. *Liturgia judaica*, p. 34.

⁴ Entre os rabinos, ensinava-se que, quando Deus criou o mundo, o erigiu sobre três colunas: a do jejum, a da esmola e a da oração. Por isso, estas três ações virtuosas constituíam o fundamento da vida de todo judeu piedoso.

Assim, ele aproveitou-se, por exemplo, da *Shemá* (escuta)⁵ e da *Tefilá* (orações de bênçãos),⁶ com sua particular divisão em três grupos: 1º) as três primeiras bênçãos se apresentam como a homenagem que o servo faz ao seu mestre; 2º) as últimas três bênçãos de ação de graças, repetidas todos os dias, concretizam o momento em que o servo agradecido se despede; 3º) as treze bênçãos intermediárias, recitadas somente durante a semana, são bênçãos de louvor, de agradecimento e petições, chamadas *Amida* (rezar em pé). Mas também, e sobretudo, utilizou-se do *Qaddis* (santo), oração muito antiga que sempre se rezava ao término da leitura da Torá (Lei) na liturgia do templo e no ritual sinagoga. Assim, pode-se dizer que o Pai-Nosso se inscreve em uma tradição humana carregada de vida e história, que exige sempre uma melhor interpretação quando a aplicamos aos nossos dias, para que saibamos ecoar o riquíssimo sabor da tradição judeu-cristã.⁷

⁵ A *Shemá* é uma combinação particularmente fusionada de três passagens da Escritura: Deuteronômio 6,4-9; 11,13-21; Números 15,37-41. Continua as ideias básicas da religião israelita: Javé é o único Deus e deve ser amado de todo coração; Deus entregou a terra de Israel a seu povo escolhido; devemos ter sempre presente todos os seus mandamentos (cf. Antonio PIÑERO. *Jesús y las mujeres*. Madrid: Trotta, 2014. p. 30).

⁶ A *Tefilá* é o momento central de toda oração judaica. Trata-se de uma série de bênçãos que foram organizando-se no decorrer dos séculos (talvez no segundo século da era cristã; alguns opinam que já no tempo de Jesus era conhecida e difundida). É recitada três vezes ao dia: de manhã, ao meio-dia e à tarde; em perfeito silêncio, individualmente, sem interrupção (cf. Judite P. MAYER. *Tefilá. A oração por excelência. Revista de Liturgia*, n. 192, p. 14-16, nota 1, nov./dez. 2005).

⁷ Cf. Jocelyn DORVAULT. *Notre Père*, p. 27-28; SANTE. *Liturgia judaica*, p. 100-102. A composição e os conteúdos da *Tefillah* podem ser resumidos no seguinte esquema: a) As três bênçãos iniciais, para louvar a Deus: 1. Tu és Deus; 2. Tu és onipotente; 3. Tu és santo. b) As treze petições centrais pelos bens espirituais, materiais e sociais: 1. A inteligência; 2. A penitência; 3. O perdão; 4. A liberdade pessoal; 5. A saúde; 6. O bem-estar; 7. A unificação dos dispersos;